

## O PROCESSO DE INVESTIMENTO/DESINVESTIMENTO AFECTIVO: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES A NÍVEL DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

PEREIRINHA RAMALHO \*

### I

**P**ropomo-nos com esta comunicação reflectir sobre o processo de Investimento Afectivo, mais precisamente sobre a forma como o indivíduo gere, dentro de determinados limites, esse mesmo investimento. Tentaremos dentro desta problemática situar o professor; o qual devido à natureza da sua profissão, lida com uma grande variedade e multiplicidade de investimentos.

### II

**E**ntende-se a capacidade de investimento afectivo, no quadro da perspectiva psicanalítica, como sendo uma capacidade por parte do sujeito de ligar uma determinada energia psíquica a uma representação ou grupo de representações, a objectos, a pessoas, de uma maneira geral a tudo o que possa servir de alvo desse mesmo investimento. Na acepção comum do termo, afecto será qualquer coisa como: sentimento de inclinação para alguém, carinho, amizade, amor, afeição....

Partindo destas duas concepções de investimento afectivo a questão que nos colocamos é a seguinte: será a capacidade de investimento afectivo limitada ou ilimitada? Dito por outras palavras, encontra-se o ser humano dotado de uma capacidade de investir nos outros, e em si próprio, que é finita ou que pelo contrário é infinita?

### III

**P**ensamos que existe uma certa ideia (pelo menos a nível da cultura cristã) de que esse mesmo investimento é ilimitado. Este posicionamento terá a ver com uma determinada educação moral/religiosa, em que o Amor/Afecto tende a ser concebido à imagem do amor de Cristo pelos homens. Deus criou o mundo e o Homem à sua semelhança - Deus é capaz de amar, de investir afectivamente em tudo e em todos, de uma forma simultâ-

\* Docente da ESE de Beja

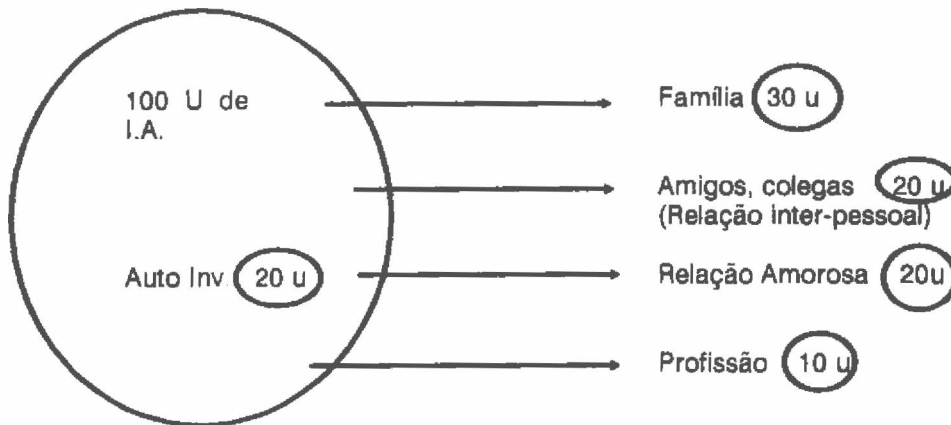
nea e infinita/ilimitada. Esta mesma ideia de afecto ilimitado terá também a ver com desejos inconscientes de onipotência. Mas sobretudo não corresponderá a ideia de investimento ilimitado a um desconhecimento do limite do afecto? Pensamos que o desconhecimento dos limites, a impossibilidade de os objectivar e quantificar, não implica obrigatoriamente um não limite.

IV

Neste momento, utilizando como modelo de referência a perspectiva Psicanalítica, não temos qualquer dúvida em afirmar que a capacidade de investimento afectivo é limitada. Embora não haja possibilidade de quantificar a carga afectiva de que um indivíduo dispõe, criamos um esquema possível de investimento, com o intuito de formar mais inteligível esta questão. Temos consciência de que este esquema é reducionista, não abarca de maneira alguma todo o processo de investimento afectivo (I.A.). Pretende-se apenas, considerando que o I.A. é limitado dar uma ideia da forma como um indivíduo poderá gerir esse mesmo investimento.

Suponhamos assim que um indivíduo X, dispõe hipoteticamente de 100 unidades de I.A. que poderão ser diferencialmente repartidas e canalizadas de acordo com o esquema seguinte:

ESQUEMA 1



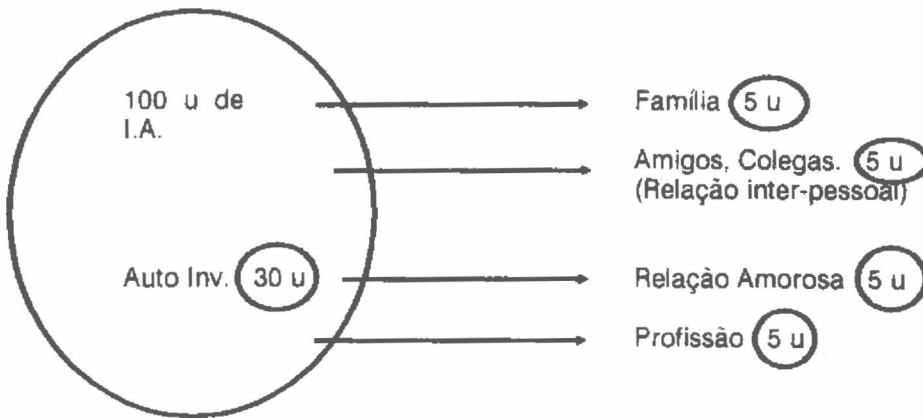
Investimento limitado : Possíveis gestões desse investimento

A compreensão do investimento enquanto capacidade limitada e consequentemente do esquema apresentado, conduz-nos obrigatoriamente para a noção de mobilidade do investimento e concomitantemente de desinvestimento afectivo. Ou seja, o ser Humano é capaz de retirar investimentos já realizados e proceder a novos investimentos movendo esse investimento assim disponibilizado, para outros alvos de investimento. Investe e desinveste num processo contínuo do nascimento até à morte. Se tal não fosse possível, esgotado o potencial de investimento inicial, dar-se-ia uma cristalização, uma imobilidade do investimento e consequentemente de toda a vida relacional/afectiva do sujeito. Sabemos que isso não corresponde à realidade.

Neste sentido, pelo menos teoricamente, a ilimitação seria sim possível em termos de possibilidade que o sujeito tem de proceder constantemente a novos investimentos, e não a nível da sua capacidade/potencialidade de investimentos, sendo essa capacidade necessariamente limitada.

Com estes novos dados torna-se possível fazer uma leitura, mais em profundidade, do esquema apresentado (esquema1), assim como dos próximos esquemas (esquema 2 e esquema 3).

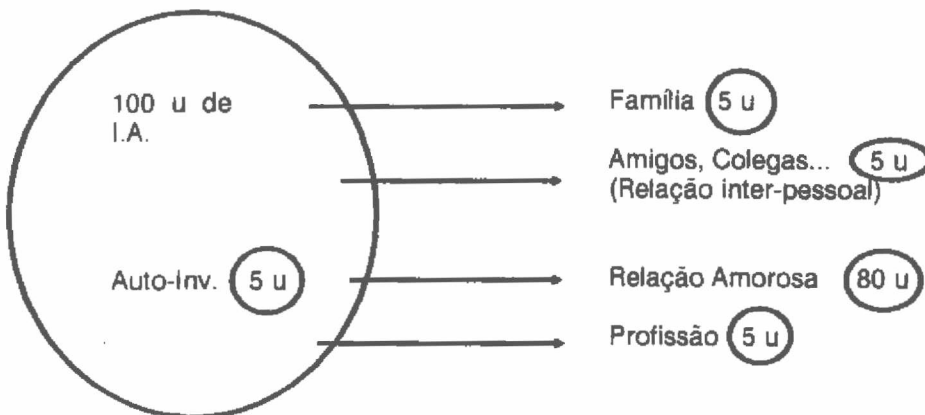
**ESQUEMA 2**



Investimento limitado : Possíveis gestões desse investimento.

Nesta hipotética situação limite, o investimento narcísico é levado ao extremo (80 u de I.A.), o sujeito ao investir nele próprio reduz de uma forma significativa a sua disponibilidade de investimento externo.

**ESQUEMA 3**



Investimento limitado : Possíveis gestões desse investimento.

Outra possível situação limite, em que o investimento é canalizado de uma forma maciça na relação amorosa em detrimento de todos os outros objectos de investimento.

Para além da modificação do Quantum de afecto dos diversos objectos relacionais temporariamente investidos, são possíveis muitos outros investimentos podendo os mesmos substituir ou juntarem-se aos investimentos existentes. Pode-se investir em ideologias, em utopias, em objectos físicos, tais como carros, dinheiro, etc., em animais, em coisas mais abstractas como representações ou grupos de representações ( ente desaparecido, local de origem, etc.). São muitos os alvos ou objectos possíveis do nosso investimento, dependem em última análise do sujeito, da sua história de vida e do meio em que o mesmo se encontra.

Pensamos que a "gestão" do investimento escapa em grande parte ao controlo consciente do sujeito. Investe-se muitas vezes em algo ou alguém, sem que se saiba porquê. O mesmo se passa em relação ao processo de desinvestimento, sendo um e outro, na maior parte das vezes, impulsionados por factores/desejos inconscientes.

V

Esta posição que considera o investimento afectivo como sendo uma capacidade limitada, foi claramente abordada por S. Freud, que postulou uma teoria quantitativa dos investimentos. S. Freud refere nos seus escritos meta-psicológicos que haveria um determinado factor quantitativo que funcionaria como substrato do afecto vivido subjectivamente. Designou esse mesmo factor quantitativo por: energia de investimento, força pulsional, pressão da pulsão e líbido.

Embora não estejamos habituados a medi-la, essa mesma coisa que Freud muitas vezes designa por energia de investimento, pode ser aumentada, diminuída, deslocada, descarregada, espalhando-se de acordo com Laplanche e Pontalis (1985), sobre os traços mnésicos das representações mais ou menos como uma carga eléctrica à superfície dos corpos. Freud chegou mesmo a pensar, que esta grandeza quantitativa podia ser objecto de medida, e que talvez o viesse a ser de facto no futuro. Não nos parece contudo que tal venha a acontecer. No entanto, sejam quais forem as dificuldades levantadas pelo uso da noção de investimento, os afectos parecem pôr em evidência a ideia de que o indivíduo tem à sua disposição uma determinada quantidade de energia, que repartirá variavelmente na sua relação com os seus objectos e consigo mesmo. Esta variabilidade a nível do investimento, ou seja a possibilidade que o sujeito tem de mudar com maior ou menor facilidade de objecto de investimento terá a ver tal como já foi referido com o próprio indivíduo, com a sua história de vida.

A capacidade de mudança assentaria nesta perspectiva na capacidade do sujeito em modificar os investimentos afectivos em desinvestir e reinvestir. Sabemos que o processo de investimento/desinvestimento afectivo não se faz ao belo prazer do investimento. O desinvestimento é na maior parte das vezes doloroso podendo implicar sentimentos de perda, geradores de estados depressivos, levando o sujeito a retrair-se e a ter medo de realizar novos investimentos, que poderão levar à semelhança dos primeiros, a novas perdas com todos os sentimentos de tristeza e dor que lhes estão associados. Por vezes o sujeito torna-se ainda que temporariamente verdadeiramente incapaz de desinvestir. No trabalho de luto toda a energia do indivíduo parece mobilizada pela sua dor e pelas suas recordações. A consequência é um manifesto empobrecimento da vida relacional do indivíduo.

## VI

**S**endo este processo de investimento/desinvestimento afectivo tão difícil de realizar, podemos-nos questionar sobre o que se passará com o professor, o qual devido à especificidade da sua profissão é normalmente confrontado com uma grande variedade e multiplicidade de investimentos. O fim e o princípio do ano lectivo implicam por um lado, que sejam desinvestidos os alunos que foram acompanhados e investidos durante cerca de 1 ano, por outro lado que o professor proceda a novos investimentos, ou seja que reinvesta nos novos alunos, em novas relações.

Será que existe verdadeiramente consciência por parte do professor que ele tem necessariamente de desinvestir os antigos alunos (pelo menos parcialmente), para poder investir nos novos alunos?

Quais as possíveis vantagens/desvantagens e consequências de uma tomada de consciência sobre esta mesma problemática?

Será possível um maior controlo sobre o processo de investimento afectivo?

Não terá o professor o cuidado de comeder o seu investimento, sabendo que o desinvestimento é tanto mais doloroso e difícil quanto maior for a ligação afectiva? Procedendo de uma forma análoga aos sujeitos que não investem com medo de possíveis perdas, não estará o professor a jogar na defensiva, dificultando assim ou até inviabilizando em certos casos uma relação saudável?

De que forma é essa mobilidade do investimento afectado ao longo do percurso profissional do professor? Haverá tendência para uma rigidificação crescente do investimento afectivo, ou pelo contrário para uma cada vez maior mobilidade desse mesmo investimento?

São apenas algumas de entre muitas possíveis questões que ficam em aberto e para as quais não temos respostas. Queremos no entanto referir, finalizando assim a nossa comunicação, que tudo nos leva a crer, que o professor se deve preparar mentalmente para a despedida. Que ao tomar consciência da sua limitação em termos de Investimento Afectivo, pode de algum modo aprender a desgostar ou seja a desinvestir de uma forma mais racional e saudável, disponibilizando-se assim para novos investimentos.

## BIBLIOGRAFIA

- ROUGEMONT, D.; (1968), *O amor e o Ocidente*, Lisboa, Morais Ed..  
 LAPLANCHE, J., PONTALIS, B.; (1985), *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa, Morais Ed..



**REPROÉVORA**

**EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO, LDA.**

**RUA DE MACHEDE, 42 - TELEFONE 25689 - 7000 ÉVORA**

**REPRESENTANTES EXCLUSIVOS  
PARA TODO O ALENTEJO:**

**FOTOCOPIADORES**



**EQUIPAMENTOS E PRODUTOS**

**Gestetner**

**GARANTIA  
ASSISTÊNCIA TÉCNICA**